



## PROJETO DE LEI N.º 76/2015

DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DO TEATRO COMUNITÁRIO LOCALIZADO NA PRAÇA DE ESPORTES E CULTURA HELENIRA REZENDE DE SOUZA NAZARETH, NO PARQUE COLINAS, DE TEATRO COMUNITÁRIO “SÉRGIO NUNES FARIA”

**RICARDO PINHEIRO SANTANA**, Prefeito do Município de Assis, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei, faz saber que a Câmara Municipal de Assis aprovou e ele sanciona a seguinte Lei:

**Art. 1º.** O teatro comunitário localizado na Praça de Esportes e Cultura “Helenira Rezende de Souza Nazareth”, no Parque Colinas, passa a denominar-se **Teatro Comunitário “Sérgio Nunes Faria”**.

**Art. 2º.** As despesas decorrentes com a execução da presente Lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

**Art. 3º.** Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

**Art. 5º.** Revogam-se as disposições em contrário.

**SALA DAS SESSÕES, EM 13 DE JULHO DE 2015.**

**REINALDO NUNES - PORTUGUÊS**

Vereador do Partido dos Trabalhadores



# *Câmara Municipal de Assis*

ESTADO DE SÃO PAULO

## EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

A sua contribuição à cultura de Assis foi grande. Antes de se destacar no teatro, o diretor estudou em seminário e cursou letras e filosofia.

No período da ditadura militar, esteve no teatro Ruth Escobar quando da apresentação do musical “Roda Viva”, de Chico Buarque, e da Feira Paulista de Opinião.

Em depoimento ao documentário em homenagem a Chico Buarque no 8º Festival de Música, Nunes lembrou que estava na sala Gil Vicente, porão do Ruth Escobar, quando ouviu o tumulto. No intervalo da apresentação, ficou sabendo que a sala foi invadida pelos membros do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), extremistas de direita e filhos de oficiais da Marinha e da Aeronáutica, que entraram no local para espancar artistas.

Esse é um dos trechos mais tristes pós 1964, o movimento militar que derrubou um governo civil e instituiu a ditadura militar. “O espetáculo apresentado naquela noite fazia paródia ao movimento militar. O pessoal começou a gritar e agredir os atores”, lembrou Sérgio Nunes, em uma das últimas entrevistas.

O presidente do “Grupo Tortura Nunca Mais” no Paraná, Antônio Narciso Pires de Oliveira, conheceu Sérgio Nunes em 1970, quando estava foragido e vivia na clandestinidade.

Nunes abrigou o militante no período da ditadura. “Arriscou a sua vida por mim. O Sérgio me conheceu como Valter Marcelo Faíçal, meu nome na fuga e na clandestinidade. Falsifiquei meus documentos a partir de uma certidão de nascimento do Sérgio Nunes”, relatou Antônio Narciso num relato por e-mail.

Triste ao saber da morte de Sérgio Nunes, Antônio Oliveira disse que Sérgio Nunes foi um dos melhores seres humanos que conheceu em sua vida. “Nessa época de clandestinidade,





# *Câmara Municipal de Assis*

ESTADO DE SÃO PAULO

escondido na casa de Sérgio, participei de uma peça de teatro com ele”, lembrou.

Na opinião dele, Nunes foi um “gênio teatral”. Ele lembra da peça apresentada no período que era uma ousadia para a época, quando o teatro foi interditado por forças policiais.

Na vizinha cidade de Ourinhos, Sérgio Nunes também saiu da cidade devido à ousadia de apresentar uma peça no Colégio Santo Antônio, em que uma atriz atirava um absorvente embebido de metiolate para demonstrar a menstruação e dizia que tinha perdido a virgindade. Um tema tabu numa escola dirigida por freiras, que provocou polêmica e o afastamento do diretor de Ourinhos. “Ele sempre esteve à frente de seu tempo”, lembra a secretária de Cultura Neusa Fleury Moraes, que conviveu com a fase artística do diretor a partir de 1993.

Depois de um período em São Paulo, Sérgio Nunes participou do projeto Rondon, que levava estudantes universitários ao Amazonas.

Lá, aprendeu artesanato e os costumes indígenas. Ao longo de sua vida, usou dessa experiência na cenografia do teatro e nas decorações.

Não chegou a completar os cursos de letras e filosofia entre 1970 e 1976, na Unesp de Assis e artes dramáticas na USP em 1977, mas tinha uma cultura adquirida lendo os clássicos da literatura universal e brasileira.

Na adolescência estudou no seminário de Santa Cruz do Rio Pardo. A mãe queria que Sérgio Nunes seguisse o sacerdócio, mas desistiu logo.

Durante três anos, foi repórter do jornal A Voz da Terra, de Assis, mas já nesse período coordenou o setor de Cultura de Assis, onde ficou de 1982 a 1987.

Ainda ocupou por dois anos o cargo de diretor de cultura da Fundação Assisense de Cultura.



# *Câmara Municipal de Assis*

ESTADO DE SÃO PAULO

Em Assis, foi um dos fundadores da Escola de Samba Unidos da Vila Operária, tendo sido carnavalesco da agremiação nos primeiros desfiles.

Também foi decisivo na retomada das apresentações no Teatro Amador de Vila Operária, o TAVO.

Sérgio Nunes respirava cultura. Promoveu festivais de música, dança, teatro, entre outras expressões artísticas.

Nada mais justo que um espaço como o Teatro Comunitário do Parque Colinas receba seu nome. A cultura agradece e o nome de Sérgio Nunes Faria passa a ser imortalizado em nosso município.

**SALA DAS SESSÕES, EM 13 DE JULHO DE 2015.**

**REINALDO NUNES - PORTUGUÊS**

Vereador do Partido dos Trabalhadores